

No 9

N. 181

VI/9ERE

1861. 10
Para o dia 23 de julho de 1861, pe-
las 11 horas da manhã.

Presidente - Ill.^{mo} Sr. Dr. Francisco Vello-
so da Cruz.

Il.^{mos} Srs.

Seguintes.

- Caetano Pinto & Almeida.
- Manoel Maria da Costa & C^a
- Dr. Antonio Ferr. de Alencar
do Pinto.
- Dr. José Fructuoso Aguiar
e Gouvêa Osorio.

Vista 1
L. Velloso da Cruz

Em geral: nas grandes operações cirurgicas
deve provocar-se previamente a anesthesia

These:

apresentada à Escola Medico-Cirurgica

de

Porto:

pelo alumno da mesma

Arnaldo Augusto Barbosa Soares Rodrigues Ferreira

1860-1861.

VI/9 ENC

Ho Dignissimo Presidente

e ao

Illustrado Jury

implora proteçao

Arnaldo Augusto Barbosa Soares Rodrigues Ferreira.

2

A sua Tia

a

Ex.^{ma} Serr.^a D. Anna Margarida Soares da Silva Lopo,

em signal de reconhecimento e respeito,

offerece

e autor

Ce n'est point un dogme nouveau,
ce n'est point un système imaginaire,
c'est un sentiment, dont plusieurs
grands hommes ont connu la vérité,
et dont ils ont laissé des témoi-
gnages dans leurs écrits.

Fribourg

Introdução

O assumpto, que escolhemos para nos servir de prova, fi-
nal nos nossos trabalhos escolares, não estava tolhido po-
rão mór; nem o nosso cabedal scientifico, nem a nossa
acanhada intelligencia, nem mesmo as ideas, que pode-
mos beber nos livros dos diversos autores, que consultar-
mos, eram sufficientes para chegar á conclusão, que pre-
tendemos, nem que deixemos muito a desejar. Não
foi o intuito de sobrecarregar, nem o desejo de tratar um
problema tão difficil que nos fôrmos; foi sim o terror, que
temos á dor; as graves consequencias, que ella pôde occasi-
onar; o crecido numero de vezes, que temos visto provocar
a anesthesia e sempre com feliz successo; o prazer de ver
mos a facilidade, com que os doentes, se' com a idea de
permanecerem insensiveis durante a operação, se sujei-
tam ás mais dolorosas; e o receio d'espírito, com que o
operador executa uma arriscada operação, sem se ver ator-
mentado pelos gritos do enfermo, que pungem o coração.

Um verdade, quem attender bem as cruéis torturas, que experimenta o operado no decurso d'uma operação sangüinolenta, dolorosa e prolongada; quem perar bem as funestas consequências, que arrasta consigo o esgotamento da sensibilidade, motivado pela dor, exacerbado tanto mais, quanto o moral do indivíduo é mais impressionavel, não pôde resistir ao impulso humanitário, nem menos presar a necessidade de investigar o meio proprio para obviar a taes inconvenientes; para remover um dos principaes obstáculos ao bom exito das operações; para conseguir, enfim, remover um dos principaes obstáculos, digo, para conseguir, enfim, que a medicina operatoria, ramo das sciencias medicas cujas virtudes são patentes aos olhos de todos, possa intervir quando conveniente, sem que se lhe opponha a vontade dos doentes, barreira tanças vezes invencivel. Alguns d'elles preferem soffrir eternamente ou mesmo perder a vida, a sujeitarem a uma operação, aliás bem pouco dolorosa, só pelo terror, que lhes

inerte a idea das dores por que vaa passar. Hoje, felizmen-
te, todos os obstaculos, que a dor podia trazer ás operações
cirurgicas, já não existem; este problema, cujo relaxão ha
tantos annos se buscava, está definitivamente resolvido;
a facilidade, que certos agentes possuem, de fazer com
que os doentes se conservem insensíveis durante uma o-
peração a mais dolorosa, é inquestionavel; porém o
que ainda se contesta = é que alguns não quer ain-
da conceder = é que os agentes anestheticsos sejam de
grande utilidade em medicina operatoria; pelo con-
trario, pretendem que do seu uso haverá mais que
necessidade. Nós, e nisto somos d'accordo com a maioria
das autoridades medicas, pensamos que taes resei-
as não tem fundamento; e é por isso que sustenta-
mos a *These*, que de novo enunciámos:

Em geral: nas grandes operações chirurgicas, deve preceder-se
previamente a anesthesia =

Qu'est-ce que la vie de l'homme, si
la mémoire des faits antérieurs ne
vient à propos remonter le présent
au passé?

Zimmermann.

A historia da sciencia deixa ver claramente que a
idea de evitar ~~ou~~ de modificar o dor durante as opera-
ções chirurgicas, tem sido assumpto d'ensaios e de me-
ditação dos praticos, e que esforços, mais ou menos fe-
lices, foram tentados com esta idea nas principaes é-
pocas do desenvolvimento da arte chirurgica. Indica-
ções precizas a este respeito já se encontram nos
livros de Plinio, Dioscoride e Matthiolo, que adminis-
travam aos seus doentes o extracto de raiz de man-
dragora quando precisavam fazer uma amputação,
praticar a cauterização ou qualquer outra operação

dolorosa, e assim conseguiriam ~~subtrahir em parte, ou mitigar~~
 modificar a dor. Alguns factos, encontrados tambem na
 historia da sciencia, provam que os medicos da China ti-
 nhão conhecimento de certas plantas, com que pretendi-
 am obter o mesmo resultado; o linho canamo, muito recom-
 mendado por Moatho, nesta mesma caso. D'então
 até os nossos dias tem-se continuado os estudos concer-
 nentes ao mesmo fim, trabalhando-se todavia com mais
 ou menos fervor e enthusiasmo conforme as ideas e co-
 nhecimentos da sua epoca.

Para não expor aqui summari-
 amente os diversos processos e meios, que tem sido lem-
 brados para conseguir subtrahir os infelizes á dor, que os
 atormenta durante as operações; por que não só nos seria
 muito difficil ou talvez impossivel, mas por que tal
 descripção nos levaria muito longe e sem interesse
 algum, contenta-mos-nos em dizer que todos esses

(1) os que designam prestar tão relevante serviço á humanidade,

meios, destinados a entorpecer a sensibilidade, ou exerciam
a sua acção no proprio lugar, e que eram applicados, ou
então modificavam o estado geral do individuo, actu-
ando sobre o organismo inteiro, de maneira que o im-
possibilitavam de sentir ou de manifestar a dor, qu-
ando se sujeitasse ás causas, que, no estado ordinario,
a determinavam. Applicações emollientes, calmantes e
narcoticas; a compressão e o gelo picado obravam do pri-
meiro modo; as bebidas alcoholicas, e opio, a ciuita, do se-
gundo.

O somno magnetico tem sido tambem aproveitado
como anesthesico geral para praticar algumas operações,
sem que os doentes tenham consciencia dellas; e' pelo me-
nos o que alguns factos, que apparecem escriptos, parecem
confirmar. Assim os Senrs Eloquet e Chapelain, fa-
zendo menção da extirpação d'um cancro mamario; o
Sr. Tophan e St. ~~Paul~~ dizem ter praticado uma
amputação da coxa, e desarticulado os dois ultimos de.

dor da mão esquerda a uma mulher; que tinha as
 phalanges necrosadas e os ossos do metacarpo em parte
 comprometidos. Finalmente o doutor Leyel de Ely-
 bourg annunciou em differentes jornaes muitas ope-
 rações praticadas por elle, sob a influencia do magnetis-
 mo e, como aquelles, anecdotas, invocando em seu apoio
 numerosas testemunhas, que uma perfeita insensibili-
 dade lhe permitto terminar qualquer dellas, sem que
 os operandos dessem o menor signal de dor. Ha quem
 diga que na India inglesa tambem se tem tirado um
 partido, realmente vantajoso, do magnetismo para exe-
 cutar, ~~de~~ sua custa e ao abrigo da dor, graves operações.

Todos estes factos podem, e' verdade, contar-se
 como outros tantos prodigios deus d'interesse; porém a
 impossibilidade de os reitarem a' vontade, a contingencia ca-
 prichosa dos phenomenos magneticos, a possibilidade de
 simular a insensibilidade, a introdução do charlatanismo

que achava nestes mysteriosos phenomenos a custa da credulidade do povo; tudo isto compromettera o partido do magn. tirano de tal sorte que, apesar das asserções feitas por observadores dignos de todo o credito, a sciencia, severa e justa em accitar só as verdades, não tem podido registrar nos seus archivos factos magneticos como realmente de. encontrados; mesmo estes, que ha pouco citamos, em. bora, lidos nos seus autores, possuam todos os caracteres ou apparencias d'authenticidade, não são sufficientes para dissipar toda a incertezã; de forma que a cirurgia pouco ou nenhum proveito tem podido tirar d'esta therapeutica mysteriosa em suas formas, incerta ou inconstante nos seus resultados.

Todos estes e muitos outros meios, empregados ant. bora como prophylacticos da dôr, iam, quasi á medida que se descobriam, sendo abandonados por perig. goros e por incertos nos seus effeitos. Esq.

2

stados apparentemente todos os recursos da arte, eram já pro-
cos os que trabalhavam para alcançar a victoria de tão dese-
jada descoberta, e alguns até chegaram a descrever da possi-
bilidade de a conseguir, como nos parece deprehender-se das
seguintes palavras escriptas pelo Senr Pélpeau em 1833
na sua = Medecina operatoria: « Evitar a dor nas
operações é um chimera, que não é permittido seguir ho-
je. Instrumento cortante e dor são duas palavras,
que se não apresentam ao espirito dos doentes uma
sem a outra e cujo annuciação é preciso necessariamente
admittir » Depois da descoberta do ether e do chlo-
roformio, já o Senr Pélpeau não pensava do mes-
mo modo, as suas ideas adquiriram um caracter
inteiramente differente, e ainda hoje se conserva
sendo uma das illustres authoridades, que temos a
satisfação de ver comprehendida no grande nume-
ro, das que bem dizem estes seus heroicos agentes
Rigoroso conhecimento das

propriedades anesthesicas do ether e do chloroformio, sua applicação ás manipulações cirurgicas, vieram provar a realisacão do progresso e mostrar que um novo caminho se abria para bem da humanidade.

O chloroformio e o ether sendo, como é verdade, os dois unicos agentes anesthesicos mais estudados, e que melhor conceito merecem, qual deveremos preferir na pratica? Isto é uma reflexão, que muito naturalmente occorreria ao espirito de quem se desse ao trabalho e quizesse gastar alguns momentos com a leitura deste escripto: por isso não o podemos deixar passar despercebido; poro que seja diremos alguma coisa a seu respeito.

A opiniao da maioria dos praticos

estã a favor do chloroformio, conservando-se apenas um
pequeno numero ainda de partidarios do ether talvez
si' pelos bons resultados, que tiraram de seu uso, quan-
do ainda aquelle era desconhecido. Diremos que os apo-
logistas do ether si' por gratidão se lhe conservam fi-
eis, e com razão pensamos nós, pois, por qualquer la-
do que os comparemos, vimos o chloroformio sobre-
sahir, e tanto isto é verdade, quanto é certo que
os seus proprios inimigos o reconhecem. Os ad-
versarios do chloroformio são obrigados a confessar
que este agente tem um cheiro e sabor mais a-
gradaveis do que o ether; que, por ser menos vola-
til, pôde conservar-se melhor; que, para conseguir
os effeitos anestesicos, não é preciso gastar tanto tem-
po, nem tambem gastar tanto chloroformio como ether;
que a sua acção é geralmente mais dura dura;
que, finalmente, não é necessario haver um
apparelho especial para ser administrado.

Algumas gotas de chloroformio, que pouco a pouco,
vamos lançando em um lenço ou papel convenientemente dobrado e approximado das aberturas respiratorias, bastam ordinariamente para em dois ou tres minutos produzir o effecto desejado; em quanto que o ether não dispensa appparelhos proprios, e que, pondo mesmo de parte o seu grau de perfeição, nem sempre podem estar ao nosso alcance. Com vista de todas estas vantagens, que parecem tão manifestas, em que bomam os defensores do ether a sua opinião? Adivinha a actividade do chloroformio? dizem os que pretendem estabelecer a superioridade do ether, é exactamente o que deve fazel-o rejeitar; por que, por assim dizer, precipita os seus resultados, e determina a morte, sem que tenhamos tempo de nos prevenirmos contra tão terrivel accidente. Estes receios nem sam exagerados, é esta a opinião mais geral e a que sem a menor difficuldade abrangamos

(1) e a excessiva rapidez com que se opera o seu effecto

por nos ser confirmada pela experientia tantas vezes repe-
 tida á nossa vista. Durante os nossos tres annos de
 clinica cirurgica temos assistido a chloroformisação indi-
 viduos de sexes, idade, temperamento e constituição bem
 differentes, sem que tenhamos tido o menor desgosto a
 lamentar. Em clinica de partos já vimos repe-
 tir tambem a chloroformisação por varias vezes, e com
 que satisfação vimos como um parto, impossivel pe-
 las forças naturaes, se prestou aos meos da arte,
 que, com toda a facilidade, preenchem um phenomeno
 mesmo apparenentemente impossivel, sem que o parti-
 turiente desse o menor indicio de dor! - Graças ao chlo-
 roformio! E, mais ainda, sem que sobreviessem conse-
 quencias gravissimas, como era d'esperar depois d'um
 parto forçado e precedido d'um longo e laborioso tra-
 balho, o que em alguns casos teve, uma vez que
 se veem sobrevir aos partos regulares!...

Gracias ainda ao chloroformio, que, modificando a vida, adormecendo, se podemos dizer assim, os órgãos, não os deixou despertar do mesmo modo, reagiu com a mesma energia, como aconteceria se as manipulações não fossem feitas sob a sua influencia.

XX
Porem, é de dever confessar-l-o, gracias tambem ao dignissimo Professor de Clinica de partos pela agili-
dade e destreza, com que executou as precisas ma-
nobras, alias as consequencias seriam outras, porque
é bem claro, o chloroformio não podia ter tam-
ta virtude.

Não queremos dizer, contudo, que o chloro-

3

formio não destryuam o ether. Não; por que todos devemos reconhecer que, em Therapeutica, é raro uma mesma substancia apresentar uma efficacia absoluta, e convir em todos os casos que a reclamem. O medico vê-se muitas vezes obrigado a substituir-lhe os equivalentes ou os succedaneos. O chloroformio não pôde evadir-se a esta lei; e para nos convenceremos d'isto, basta attender aos seguintes factos. Tem-se visto individuos, amestihados alternadamente pelo chloroformio e pelo ether, declararem que lhes foi mais facil sugetar-se a influencia do primeiro; e tem-se visto outros repugnar-lhe de tal modo o sabor e doçado do chloroformio, que o não poderam supportar; em quanto que, expostos a acção do ether, permanecem-lhes o estado anesthetico sem grande difficuldade.

Como cordario do que acabamos de dizer, deus-se
que evidentemente o chloroformio deve ser preferido
ao ether; poruma que este ultimo agente, mesmo como
anesthetico geral, não deve ser completamente aban-
donado.

Poruma de parte todas as considerações, que ainda podiam
ser feitas relativamente ao ligeiro parallelismo, que
acabamos d'establiher entre o chloroformio e o ether,
para, ligando-nos mais ao nosso assumpto, mostrar-
mos quanto a descoberta dos agentes anestheticos veio
augmentar o valor da medicina operatoria. Mas
antes disso, como obram os agentes anestheticos? ~~representar~~
representar os phenomenos, mostrar só os factos, sem dar
a razão d'elles, não sei o que fica a desjar: o nos-
so espirito não se julga plenamente satisfeito:
por isso, em poucas palavras, diremos qual o nos-
so modo de pensar a tal respeito.

A acção do ether, do chloroformio e dos diversos agentes anesthesicos é uma acção primitivamente dynamicca. Elle impressiona as forças proprias da vida, como uma sensação impressiona a alma, e da alteração destas forças é que tudo devemos fazer depender. Nada prova melhor a natureza dynamicca da acção dos agentes anesthesicos, do que a supressão subita e completa da intelligencia, da sensibilidade e da maior parte das manifestações vitaes; do que esta fugacidade d'acção, que repugna com a idea d'alteração material em harmonia com a gravidade dos effectos. Uma lesão organica precisa de certo tempo para se produzir e para se desvanecer, o que não acontece quando se faz uso dos agentes anesthesicos; aqui a rapida desaparicação da desordem das funções não está em proporção com a gravidade das perturbações, que se observam. Se sobrevem a morte, a causa

material escapa ao observador. Sua conclusão impor-
tante, com effecto, pôde deduzir^{se} das alterações assignaladas
pelas autopsias? Mas nem ~~sempre~~ constantes, nem des-
sam nos órgãos vestígios indeléveis, que possam dar
a narrat^{ão} da morte e, os que se encontram, o mais das
vezes, pertencem a asphyxia, que não se pensa em
bem, mais do que um occidente do estado de que se trata.

O ether, o chloroformio e todos os agentes anesthe-
sicos promuem, pois, um modo proprio d'atuar sobre o
corpo vivo, que partilha da energia do medicamento e da
subtilidade do venereo; e ao estado que d'ahi resulta
é que o Sr^{te} Brownson chama = etherisacão = « Apalavra
« etherismo, diz o mesmo autor, deve ser considerada como
synonimo d'uma intoxicacão particular hostil à vida, quan-
do o desenvolvimento dos seus effectos é completo, mas que of-
ferece um recurso inappreciavel á pratica da arte, quan-

do os seus effectos são contidos nos limites convenientes » No grão em que a etherização entra felizmente no dominio da therapeutica, a sua influencia sobre o corpo vivo, manifesta-se pela suspensão temporaria da maior parte das faculdades animaes, e especialmente pela perda da intelligencia, da sensibilidade e da vontade, e pelo enfraquecimento da vida vegetativa. Com quanto dura esta ligeira modificação do ser organizado, as forças vitaes são opprimidas, e reduzidas a uma existencia virtual; mas em breve tempo, o seu imperio renasce, e nada recorda ^{do organismo.} este eclipse passageiro das potencias, que o animam.

Obtemos a morte offuscado, unipolar e morte permanente:

La torture interroge, et la douleur répond.

Não ha quem deise de ter sentido uma dor
ocasionada por uma causa traumática; porém nem
tudo tem experimentado, as que soffrem os infelizes o-
perandos; inerte a dor é mil vezes mais acirba, por
que muito d'antemão a esperam; desde que se lhes an-
uncia que terão de ser operados, começa a sentir o
gume do ferro, que lhes ha-de retalhar os tecidos.
O seu espirito abalado pelos continuos debates entre o de-
sejo de se verem a salvo da enfermidade, que os conu-
me, e o terror que lhes invade a idea dos martírios,
por que vão passar, colloca-os em um estado de
prostração, que não é facil descrever-se: o somno
lhes foge, o appetite extingue-se, as forças de-
primem-se, o arrependimento, a palidez e todos os phe-

momentos, que annunciam a concentraçãõ dos actos vitaes, nemem ás vezes aponto de perem em risco a propria vida. É poderosa a influencia, que o moral exerce sobre o physico; d'esta verdade ninguém duvida; por que, sendo confirmada pelos factos, de factos d'esta ordem estão os livros cheios.

Nos mesmo tivemos occasião d'observar um caso sob esta relação digno d'algunna importancia, e que porim em seguida escrevemos:

É um rapaz, que tinha um abscesso subcutaneo na parte superior e externa do terço medio do braço direito, e que não queria de modo algum deixal-o lancetar; levado, porém, por meios maiores, mostrando-lhe que a operação era não só innocente, mas pouco dolorosa, pôde conseguir-se convence-lo a que consentisse; pois ainda assim, pernas, braços, todo o corpo estava em uma completa convulsão; a face estava pr-

lida, cadaverica, e um suor frio lhe cubria a fronte:
era, como costumava dizer-se, um perfeito defuncto. Se
nem todos os individuos são d'esta susceptibilidade ou
perilaminidade, ninguém poderá duvidar ou negar,
contudo, que a idea previa d'uma ^{do}companheira insepa-
ravel das operações cirurgicas, ha de concorrer para
collocar o maior numero dos operandos em condições
bem pouco favoraveis ao bom exito da operação.

Como se deprehende do que levamos dito,
a dor cirurgica differre consideravelmente da dor traumática
pelas disposições individuais, porem muito mais se dis-
tingue d'ella pela sua duração. A dor traumática, ou
mesmo a que é determinada por uma inflamação
ou por diversas outras moléstias organicas, represen-
ta periodos de diminuição ou intermissões, que a su-
peram supportavel. A dor cirurgica não tem limites

em seu estado de maior agudez durante toda a operação; ella varia conforme a sensibilidade especial dos tecidos que forem divididos; desde a pelle e cordões nervosos, que são os órgãos mais sensiveis, até aos órgãos fibrosos e ossos, cuja sensibilidade é obtusa; por em todas estas variedades se combinam por tal forma, determinam impressões tão penhoras que occasionam ao doente uma sensação indefinivel, e perturbam extremamente o organismo inteiro. A dor ainda os seres adquire mais intensidade pelo augmento de sensibilidade occasionado pela propria molestia; circumstancias insolitas podem concorrer a prolongar a duração ordinaria da operação: enfim tudo contribue para collocar o doente em um estado de prostração muito semelhante á syncope. Foi talvez o que fez dizer o Sr. Dupuytren = a dor mata como a hemorragia.

Ho quadro que acabamos de

traçar dos soffrimentos, que atormentam os doentes du-
rante uma grande operação, podem seguir-se con-
sequencias bem funestas, taes como, spasmos lo-
caes e sympathicos, convulsões, delirio traumatico, etc.
no, stupor e enfim a morte. Se tantos e taes são
os inconvenientes á dor cirurgica, e, talvez, mesmo
na, apenas ao receio della, quem pôde em diri-
la a propinquidade d'um meio, que obste a todos
estes inconvenientes? Dizer, como Mojano, que
a dor é util, é confessar que a medicina é inu-
til. Os Philosophos, que sustentam que a dor
é um bem, deviam ser submettidos á prova,
como muito bem diz o Sr. Bonisson.

Se os agentes anæstheticos forem completa-
mente innocentes, ou se existirem indicações

tem definidas, que nos dizemem, seguir, os casos
 em que, fazendo uso d'elles, haviamos de ser mal suc-
 cedidos, a these que enunciarmos seria um axioma,
 de que ninguem duvidaria; porem é o que realmen-
 te, não acontece. O chloroformio é um agente
 monovittoso pelos servicos, que presta á humanida-
 de; e terrivel, como o deve ser todo o agente, que le-
 ve ao organismo uma perturbação tal, qual é mister
 para o constituir em um estado d'insensibilidade
 absoluta. Não é só a razão, que induz a estas conse-
 quencias, alguns casos de morte, occididos á applicação
 do chloroformio, tem sido attribuidos á esta substancia,
 e é o que tem posto muitos praticos de reserva con-
 tra a sua applicação.

Felizmente esses casos, comparados com os milha-
 res d'elles, em que o chloroformio tem presta-
 do beneficos servicos, não são muitos. Se se na Gr.

gaza Medica do Porto: no 2º numero= A Gazeta Medica
de Lisboa dá noticia d'um caso de morte conse-
cutiva á applicação do chloroformio, o primeiro a-
contecido em Portugal; e d'ouros, de que as outras nações
fazem menção, muitos tem sido postos em duvida
por autores respeitaveis. Por certo a anatomia pa-
thologica não nos revela uma unica lesão caracte-
ristica, que possa ignorar-nos de toda a duvida.
Supporto, mesmo, que os agentes anesthesicos tives-
sem dado lugar a consequencias funestas, que sem
a sua applicação se podessem evitar, não deveria
isso levar-nos senão a uma analyse minucio-
sa a respeito da sua pureza com especialidade; a
pesar bem as circumstancias individuais, que
contraindicaem o seu emprego, e, ainda assim, a
a caminhar por tentativas e com toda a circumspec-
ção: se assim fizessemos, talvez não tivéssemos um caso

uniao a lamentar. Demais se um accidente funes-
to houvesse d'importar a procripção do agente que
o produzisse, já não havia cirurgia nem medici-
na. Bem raro nos tem custado o aperfeiçoamen-
to, a que chegaram os processos operatorios, e os di-
versos *systemas therapeuticos*! que victimas! e ape-
sar disso, o medico-cirurgião ainda não desanimou
no estudo da divina sciencia. Tanto em mede-
cina, como em cirurgia, não ha certeza; o mai-
or numero de probabilidades guia o pratico po-
ra este ou para aquelle caminho; e se o chlorofo-
rmo raras vezes deixa de preencher a sua missão, de-
vemos concluir portanto, que a sua adopção é de to-
da a utilidade.

As considerações, que precedem, teriam apenas o va-
lor d'uma opinião, posto que fundada, se se ex-

pericia lhe não deu a força, que o pastor te-
nia em si proprio. As estatísticas, colhidas com
toda a exatidão e rigor por autoridades de toda a prebi-
dade: em Inglaterra por Simpson, em Paris por Mal-
gambie, em Montpellier pelo Sr. Rouvier, entre
operados com e sem anestheia previa, em cir-
cunstancias tão mais identicas quanto, provam clara-
mente, que a mortalidade geral nas grandes opera-
ções tem diminuido consideravelmente desde que
se fez uso dos anestheicos. Comprehendo
que deicarmos isto, negar a proficiencia dos meios
anestheicos, seria fechar os olhos á luz da verdade
e da boa razão; seria entorpecer a sciencia, que pro-
gride passo a gigante para a perfeição.

Como termo ao longo barulho con-
tinuo:

No estado actual dos conhecimentos medicos

podemos dizer que os agentes anesthetics devem ser
empregados, quando houver de praticar-se alguma o-
peração, que os reclama, com tanto que não haja con-
traindicação ao seu emprego; e pensamos que se po-
de dizer com o Sr. Edillat = le chloroforme pure é bien
employé ne tue jamais.

Proposições

1.^a

Os bons resultados das operações feitas pelo esmagador de Charraignac. fazem prever a possibilidade de o empregar na cura dos aneurismas. = Operações

2.^a

A função da menstruação é um phenomenon dependente da evolução d'um or. mais org. *Physiologia.*

3.^a

A hypersecreção da saliva, que se observa durante o tratamento mercurial, não é devida á acção directa do mercurio sobre as glandulas salivares. = *Materia medica.*

4.^a

O caracter de chronicidade das doencas não se podem marcar só pela sua duração. = *Pathologia geral.*

5.^a

Não existe signal algum, que nos faça conhecer a occasião, em que o mercurio tem neutralizado o virus syphilitico. = *Pathologia interna.*

6.^a

Em obstrução contracção e dor são dois phenomenos, cuja dependencia não é necessaria.